

O COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 340

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

ÁS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte. ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA — SABBADO 1 DE MAIO

Pastoral.

Publicamos em seguida a bella pastoral do digno Prelado da diocese portuense, motivada pela resolução tomada pelos negociantes de ourivesaria e contrastes ensaiadores d'ouro e prata, da cidade do Porto, de não abrirem ao commercio os seus estabelecimentos, nos domingos e dias santificados.

Oxalá que o louvavel exemplo dado por aquelles dignos cavalheiros, seja seguido pelos seus collegas de todos os pontos do reino.

Já n'este logar nos occupamos por vezes da importancia social e religiosa do descanso do domingo, por isso limitamos agora a recomendar a leitura do documento que segue:

D. Américo Ferreira dos Santos Silva, por mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica, Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, etc.

Aos que esta Nossa Provisão virem, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo, Nosso Senhor e Salvador.

Fazemos saber que os benemeritos negociantes de ourivesaria e contrastes ensaiadores de ouro e prata d'esta cidade do Porto, Nos comunicaram, por uma deputação d'entre si escolhida, que em reunião geral haviam unanimente concordado em que nenhum dos seus estabelecimentos se cooservasse aberto ao commercio nos domingos e dias santificados; e ao mesmo tempo Nos manifestaram o louvavel desejo de que esta resolução se tornasse bem conhecida de todos os Nossos Diocesanos por meio dos Reverendos Parochos.

Bem aprasivel é a annuencia a um pedido quando o que este procura obter é mais obrigação que se cumpre, do que favor que se conceda; e n'esse caso esta-

mos para com esta digna classe dos negociantes d'esta cidade, cuja resolução é Nosso rigoroso dever não só applaudir, mas muito instantaneamente recomendar e propôr como exemplo a todas as outras.

Como christão, como Ministro de Deus e mais ainda como Prelado, exulta-se-Nos de alegria o coração ao vêrmos Nossas Diocesanos sempre fieis no cumprimento exacto dos deveres da nossa Religião; e confessamos este sentimento com a certeza de ser comprehendido por todos os habitantes d'uma cidade, que, a nenhuma cedendo o passo em outras virtudes, a todas leva a palma em manifestação publica e solemne da sua devoção.

Quizeramos Nós que, ao prestar este testemunho de louvor tão bem merecido, não Nos obrigasse o dever do desempenho do Nosso cargo, não menos que o da verdade e justiça, a fazer-lhe uma excepção em materia de tão elevada importancia, como é a santificação dos domingos e dias de guarda. Infelizmente, porém, é forçoso confessar que este preceito da nossa Religião é tão manifestamente esquecido, que, sem subterfugio, não pôde, por fórma alguma, ser negada a sua publica transgressão.

Ha muito que não ignoravamos a existencia de tão lamentavel incuria, e constancia-se-Nos o coração de dôr ao vêrmos postergado por uns tão sagrado dever, e ao pensarmos na triste condição dos outros que, obrigados a um trabalho penoso, nem ao menos no dia do Senhor podiam applicar a si as Suas consoladoras palavras:—*Não é só de pão que vive o homem.*—Conheciamos, porém, igualmente que este mal, além de inveterado, provinha de uma d'aquellas luctas de interesses temporaes, em que, para vencerem os saos principios, é necessario o accordo de todos os homens de boa vontade: e então, embora anciosos, aguardavamos, confiados nos sentimentos religiosos dos Nossos Diocesanos, o dia feliz em que, unidos na mesma fé para com Deus e caridade para com o proximo, disseram como S. Paulo:—*Não façamos nossas vidas mais preciosas do que as nossas al-*

mas;—e salvassem as suas almas, guardando a lei do Domingo.

E com effeito, caros Diocesanos, nenhum outro proceito se pôde dizer que mais do que este, apesar de rigorosamente obrigatorio, seja universal e facil, e mais se coadune com a natureza universal fisica e moral do homem.

Instituido pelo proprio Deus em seguida á criação e para eterno testemunho d'ella, foi pelo homem recebido e cumprido como vassalagem de dependencia, e ainda mais de gratidão da creadora para com o seu Creator. Transferido p-a Igreja, pelos proprios Apostolos, do sabbado d'Israel para o domingo dos christãos em memoria da Resurreição do Filho de Deus, todos os discipulos d'Este o guardam e santificam, para attestarem ao ceo e á terra, que assim como todos somos filhos de Deus pela criação, tambem o somos pela Redempção, e assistindo ao sacrificio da mesma Redempção n'esse dia, e repousando n'elle dos trabalhos d'esta vida, protestamos, com a mesma fé, que a nossa esperança é alcançar o repouso eterno em Deus, que a Redempção nos mereceu, e para elle nos preparamos.

Sendo, pois, a observancia do domingo uma profissão de fé em Deus n'este mundo, e de firme esperança de salvação no outro, que muito é para admirar que não só a Igreja d'ella faça um preceito rigoroso, mas que em todo o tempo já mais os christãos, por mais delinquentes que fossem em outros deveres, omittissem este desprezo? E' que nus e outros sentem em sua consciencia o que um Padre da Igreja, já proclamava em quatorze seculos:—*Sem domingo não ha christão.*

Acaso n'esta cidade o trabalho, que se presencera ao domingo, significará omissão tambem d'assistencia ao sacrificio da Missa e arrenegação da nossa fé? Embora algum estranho o queira ou possa afirmar pelas apparencias, Nós protestamos mil vezes que não, e tomamos a Deus por testemunha de quanto é sincera a Nossa convicção.

Aos homens damos para prova a santa resolução tomada por uma classe in-

teira e respeitavel d'esta cidade, e dictada pelo sentimento religioso que, nunca extinto, agora revive para tornar bem palpavel uma verdade que nem sempre é reconhecida: que os preceitos da Religião, longe de contrariarem, antes promovem os legitimos interesses d'esta vida.

E na realidade, só a cegueira da avidez não vê, que não pôde haver mais revoltante abuso do superior para com o inferior, do capital para com o trabalho, do que violentar a consciencia do operario: qualquer que seja seu nome ou condição, negar-lhe o descanso ao domingo, sob pena de tambem lhe recusar o salario á semana, assim quasi que levá-lo a comprar o pão quotidiano pelo preço d'uma apostasia!

E se o amor para com Deus não permite que algum lhe roube o culto dos Seus filhos, o amor para com o nosso proximo e o proprio interesse bem entendido, tambem chamam alto que lhe deixemos ao menos um dia para respirar das fadigas dos outros seis de continuo lida, para enxugar o suor do seu rosto, e mais que tudo para o pensamento do ceo o alento nas amarguras da terra. Tem elle pae ou mãe, irmãos, talvez mesmo mulher e filhos; são laços de familia, que o chamam, e que ninguem tem o direito de quebrar, nos dias que Deus destinou para mais estreitamente os unir. E fé é adolescente, que entra na vida ganhando o pão com o trabalho, não lhe deixeis no dia do Senhor esquecer ou transgredir a Sua Lei; que é a Lei d'Elle, e não a de outros, que lhe ensina o respeito, a obediencia e o sacrificio pelos paes e superiores.

Não ignoramos que estas considerações são todas bem conhecidas; que ninguem ousa negar sua verdade e todos queriam pela sua parte reconhecê-la praticamente, conformando-se com o preceito da Religião; desgraçadamente, porém, a concorrência commercial dos estabelecimentos impede a uns prescindirem de lucros iguaes aos adquiridos pelos outros.

Pois bem: eis o exemplo dado, e com elle aberto o caminho para que, sem compromisso de interesses agraes, possam to-

WOLFFE TINI

QUADROS HISTORICOS

I

Visão de Constantino Magno.

Ha mais de dois seculos que a palavra do Messias tinha sido ouvida nas regiões da Judea; ha mais de dois seculos que Jesus tinha sellado, no alto do Golgotha, com uma morte affrontosa a lei nova—a alliança entre a humanidade peccadora e um Deus infinitamente offendido.

Doze homens pobres, desvalidos e ignorantes são encarregados de propagar essa lei pelo mundo; e perseguidos e insultados e maltratados em toda a parte evangelizam, em toda a parte convertem.

Qual o premio dos seus trabalhos? uma morte medonha e ignominiosa. E a herança que deixam a seus discipulos? as affrontas, o escarneo, o desprezo, a miseria e os supplicios.

E o Christianismo venceu! e o mundo converteu-se! Desoito milhões de martyres em tres seculos sellam com o sangue a sua crença; e cada gotta é semente que fecunda e produz centenares de christãos. Dez perseguições violentas e ferozissimas não podem suffocar a religião nascente.

A ultima a mais terrivel é decretada agora contra os innocentes sectarios do

Nazareno. Vede. Os circoes regorgitam de christãos que servem de pasto ás feras; o fogo consome as suas carnes; o ferro despedaça os seus membros; e o mar engole os seus corpos. Tudo em balde!

Perseguí-os, perseguí-os, loucos imperadores. O Christianismo é como a agua que quanto mais comprimida mais se escoa e se difunde; e vós soffrereis bem terrivel o castigo das vossas laucuras, das vossas crueldades, das vossas infamias!

E soffreram. Galerio morre em Sardica atacado de uma horrorosa podridão no corpo, cujo cheiro invade toda a cidade, afasta todos os amigos e parentes do seu leito e o torna insupportavel a si mesmo. Maximiano, torturado pela ambição, despresado pelo proprio filho, odiado por todos, frustrados todos os seus planos, e morto por ordem do genio contra cuja vida attentára. Diocleciano, insultado até no retiro a que se acolhera, morre cuspiendo a propria lingua que lhe havia apodrecido.

No relógio dos tempos soava a hora, marcada pela Providencia, da paz e tranquillidade da Igreja christã; e a decima perseguição tinha sido o ultimo arranco do paganismo moribundo.

O occidente do imperio era partilhado pelos dous augustos Constantino e Maxencio; aquelle bondoso, clemente, magnanimo, perfeita imagem de Constancio Chloro: este cruel, devasso, louco, coarbo, digno successor do seu pae Maximiano: aquelle tinha por escudo do seu

throno o amor dos vassallos: este tinha como ameaça constante á sua corôa o odio dos subditos, acabrunhados pelas suas exações, deshonrados pelas suas lubricidades e desejosos de se libertarem do seu despotismo.

As Gallias, Bretanha e Hispanha pertenciam a Constantino: a Italia e a Africa eram de Maxencio. A rainha do Tibre estava sob o jugo do tyranno.

Os rivaes, separados apenas pela linha dos Alpes, ardiam por vir ás mãos. A morte de Maximiano foi pretexto sufficiente para Maxencio declarar guerra a Constantino.

Este, não obstante a inferioridade numerica das suas forças e os conselhos adversos dos generaes, atravessa os Alpes Cottianos, toma Suza, Turim, Verona e cae ás portas de Roma.

Tinha diante de si a capital do mundo, a patria dos Scipões e dos Fabricios, a terra inviolavel e sagrada para os supersticiosos pagãos. Quem poderia escalar essas muralhas enormes, tomar essas altas fortalezas que, cercando Roma, a tornavam inexpugnavel?

Quem poderia vencer 190 mil soldados addictos a Maxencio pelas loucas liberalidades com que este os captivava, com forças duplicadamente menores?

Era no outono: o sol tinha tocado o meio da sua carreira: e Constantino, passando a sua mente por estes pensamentos desanimadores, sentiu que carecia de um auxilio superior, sobrehumano para subju-

gar o despota de Roma. Mas d'onde lhe viria esse auxilio? O paganismo e o Christianismo retalhavam o mundo, d'aquelle se tinham servido os ceos para justificar as suas mais vis paixões, para arrastar ao supplicio os sectarios de uma religião innocente e para encher de sangue e alastrar de cadaveres o imperio. E em paga que tinham recebido dos deuses em que tinham confiado? Um reinado infeliz, uma morte terrivel e affrontosa e as maldições do seu povo e da posteridade. Os augures e aruspices riam-se em segredo das fraudes com que embaiam a credulidade dos supersticiosos: os sabios desprezavam essa religião em que se adoravam com reverencia estatuas de pau e de pedra. O paganismo era uma falsidade, os deuses uma mentira.

E o Catholicismo? Os seus sectarios eram pacificos, obedientes, bons soldados, bons cidadãos; perseguidos morriam contentes pela religião que professavam: ao suspiro ultimo de cada martyr que perecia, acudiam mil outros prompts para o mesmo soffrimento.

Constantino Chloro, sen pae, que os tinha protegido morreu socegado no seu leito, no meio das benções dos subditos. Galerio, Maximiano e Diocleciano pereceram amaldiçoados, padecendo as dôres mais horrorosas. O Deus unico dos christãos era o verdadeiro.

(Continúa)

dos unidos pôr termo a um mal, que até aqui parecia irremediavel. Por meio de convenções, cujo cumprimento fiel a lealdade garante, é possível que todas as classes cheguem a conquistar outra vez, para honra propria e para gloria de Deus, a liberdade, que nossos maiores nunca deixaram perder,—a liberdade do descanso, dos prazeres domesticos, e da oração no templo do Senhor.

Permita Deus que, em pouco tempo, o aspecto d'esta cidade seja tal, que o estrangeiro ao visitá-la pela primeira vez, assim como reconhece sem hesitar que sua população é activa, industriosa, e cheia de caridade ao ver no domingo o descanso succeder ao trabalho, e fecharem todas as casas de commercio para só se abrirem as portas da Igreja, possa ainda com mais razão confessar que a cidade do Porto é também realmente religiosa.

E para que chegue ao conhecimento de todos, será esta provisão lida pelos rev.^{os} parochos, na forma do estilo, á estação da Missa conventual do domingo immediato ao dia em que a receberem.

Dada no Porto e Paço Episcopal, sob Nosso signal e sello, aos 18 d'abril de 1875.

(Logar \times do sello). — Américo, Bispo do Porto.

José Antonio Correia da Silva.

Secretario.

Arcos 28 d'abril.

(Do nosso correspondente).

Vou-lhes dar uma noticia, que para muitos dos leitores do «Commercio do Minho», que tem seguido com interesse as questões da actualidade, aqui nos Arcos, deve ser de interesse.

Foi ante-hontem julgado no tribunal d'esta comarca, o sr. Antonio Sebastião da Silva Lima.

Nunca na minha vida vi, nem esta villa espera ver audiencia tão concorrida de espectadores.

As pessoas de maior respeitabilidade no concelho, além de muitissimo povo das aldeias e villa tudo concorreu a presenciar este julgamento, celebre tanto pelas universaes sympathias de que o accusado justamente goza, como para avaliarem o peso e a veracidade das accusações, que tão encarniçada, quanto alevosamente lhe tinham sido feitas.

Não exagero, se lhes disser que excedeu muito o numero de mil pessoas as que no tribunal e ruas proximas se encontravam.

A final o juri deu por não provados todos os quesitos que lhe foram apresentados.

A accusação que nos corpos de delicto e summario se apresentou tenebrosa com revelações importantes, agora appareceu mansa como um cordeiro, sem nada saber, nem nada afirmar.

Mas a verdade, pela qual com a consciencia tranquilla sempre pugnei, obrigame a dizer-lhes, que tanto o sr. juiz, como o sr. delegado procederam com toda a imparcialidade, e rectidão.

O sr. Antonio Sebastião foi julgado e absolvido sem o mais pequeno favor, nem o accusado, (tenho razões para affirmar) os acceptava, se chegassem a ser-lhe offerecidos.

No fim do julgamento o entusiasmo attingiu o delirio.

Apesar dos esforços dos parentes e amigos, para que o povo não fizesse manifestações nehumas, duas musicas, vindas espontaneamente, e até uma de Ponte do Lima, foguetes, vivas, e abraços com que desde o tribunal até a sua casa, o meu bom amigo, se via quasi asfixiado, insistiram em protestar ao sr. Antonio Sebastião a sympathia e amizade que todo este povo lhe vota, e a geral indignação contra aquelles que tendo em tão pouca conta a reputação alheia, como a dignidade e a consciencia propria, pretenderam manchar o bom nome de um homem honrado.

Se ha compensação possível para os trabalhos, dissabores e prejuizos que lhe causaram, o sr. Antonio Sebastião deve estar compensado com o grande triumpho e ovações, que os seus inimigos, agora confundidos e enlameados, ainda que sem querer lhe proporcionaram.

Pela minha parte, eu, que pela verdade com que sempre combati as injusti-

ças e calumnias que vi chover sobre um cavalheiro, eu, que por amigo dedicado da innocencia com que via soffrer o sr. Antonio Sebastião, também soffri desgostos, também estou justificado e até quasi que podia dizer vingado se a vingança entrasse em meu espirito.

Resta-me um merecido elogio ao distincto advogado de Villa Verde, o sr. dr. Sepulveda, defensor que foi do accusado.

S. ex.^a penhorou e captivou o auditorio pelo modo como uma a uma pulverizou todas as infamias.

REVISTA ESTRANGEIRA

Hispanha.

Não ha noticias d'importancia.

Para não eliminar completamente esta secção, aproveitamos as transcripções que seguem:

Lê-se n'uma correspondencia datada de Elizondo em 20:

«O nosso exercito do centro, sob as ordens do illustre Dorregaray, completou a sua organização, fortificou Cantavieja, bloqueou Morella e os seus corpos destacados invadem alternativamente as provincias de Murcia, Cuenca e Guadalajara que está ás portas de Madrid.

O nosso exercito da Catalunha entra duas vezes na importante cidade de Mora do Ebro, percorre sem um tiro as ricas povoações da costa ou as fertes planicies de Barcelona, esperando que o seu intrepido chefe, o general Saballs, investido presentemente do commando d'estas quatro provincias, nos maravilhe por um d'estes feitos d'armas que lhe são familiares.

Emquanto ao nosso exercito do Norte, commandado por S. M., depois das suas victorias de Lacar, e de Guipuzcoa e do ultimo successo do forte d'Aspe, por confissão dos proprios inimigos, toma uma vigorosa offensiva. Uns pensam que cercará novamente Bilbao, outros que atacará Santander; estes veem na presença de D. Carlos em Tolosa a queda de Hermani; o maior numero afirma que a nossa concentração de tropas em Valmaceda é o primeiro passo d'uma expedição ás Castellas e ás Asturias.

O entusiasmo é tão grande, o armamento tão perfeito que o nosso exercito do Norte poderia executar, senão todas, duas d'estas operações.

Eis aqui segundo os nossos inimigos, os batalhões que esperam n'esta cidade o signal da partida.

O 7.^o de Guipuzcoa, Ordunha, Durango.

O 5.^o de Castella e Alava.

O 2.^o das Asturias, os dois Cantabros, Sarrazola, Euscauriza, Campo, Vitores.— Total: onze.

Esperam-se ainda mais nove.

As folhas hostis tinham desmentido a noticia que tinhamos dado d'estas proximas expedições; agora annunciam-nas, e a chegada de Loma com uma forte divisaõ a Burgo de Osma o confirma.

O duplo revez de D. Alfonso em Madrid, de Cabrera em Biarritz, desanimou o exercito alfonsista e os conservadores hispanhoes, por tal forma que os nossos voluntarios expedicionarios serão por toda a parte saudados como verdadeiros libertadores.»

—Da «União»:

«O general Quesada enviou a Madrid um official superior encarregado d'um despacho muito grave.

Annuncia ao ministro da guerra que não pôde conservar uma linha tão extensa sem se expor a uma surpresa similhante á de que a guarnição de Bilbao acaba de ser victima.

O exercito da Navarra precisa reforços para conservar a sua posição sobre o rio Argo.

Com effeito as condições, da lucta mudaram depois que Mendiry possuie artilleria para ajudar os 22 batalhões navarros e vascos que tem nas montanhas de Estella.

As más novas da Navarra foram aggravadas por um telegramma de Bilbao. Os carlistas surpreenderam um dos fortes que dominam a Ria de Bilbao, e depois de terem apanhado á guarnição os canhões e as munições partiram não deixando senão uma peça de 16 centímetros.

Incendiaram o forte. A fraquesa de Bilbao provem da mesma da Navarra.»

—O mesmo jornal publica os seguintes telegrammas:

Hendaya 21.—O rei acaba de percorrer as lihas de operações de Guipuzcoa; ante-hontem visitou a ala direita em Andoain; hontem a esquerda em Ayo.

Por toda a parte foi aclamado pelos voluntarios e pelas povoações. O rei felicitou os nossos chefes pela solidez das nossas trincheiras.

A excursão, na provincia de Huesca, do 9.^o batalhão navarro e d'um esquadrão, teve um grande successo.—A columna de Lumbier, apesar da sua superioridade numerica, foi completamente derrotada.

A nossa entrada forçada em Burgo de Osma (provincia de Burgos, que tem duas mil almas) produziu em Madrid grande sensação.

Numerosas adhesões chegaram ao rei, das provincias de Valencia e Alicante.

Depois de uma expatriação de tres annos, 300 dos nossos, que foram feitos prisioneiros em Oroquieta, devem voltar de Cuba, em cumprimento do tratado assignado entre os dois exercitos belligerantes para a troca de prisioneiros.

Está-se formando o 1.^o batalhão navarro.

Por decretos de 10 e 14 do corrente, assignados em Vezgara pelo marechal Elio, os chefes Polo, Rada, Aguirre, Patero e Rosales, os unicos que seguiram Cabrera na sua traição, foram privados dos seus postos, condecorações, etc., e serão submettidos a um conselho de guerra para serem julgados segundo as leis militares.

Estamos auctorizados para desmentir as defeccões do duque de la Roca, marquez de Santa Coloma, general Lirio, seu filho, etc., etc.

Madrid 21.—Segundo a imprensa o estado de sitio está cada dia mais rigoroso.

O ministerio regencia tem suspendido uns após outros o «Eco», «Patria», «Iberia», «Pueblos» e a propria «Correspondencia» da manhã, jornal semi-official. Emquanto aos jornaes carlistas, supprimidos ha dois annos por Serrano, pedem de balde auctorisação para reaparecerem.

Martinez Campos telegrafou ao governo que nem responde pela tranquillidade de Barcelona, nem pelos progressos dos carlistas senão receber grandes recursos.

O thesouro alfonsista está cada vez mais esgotado. Nem se pagam os coupons atrasados, nem ao clero, e os emprestimos, tantas vezes annunciados, não se effectuam.

D. Alfonso durará menos que D. Amadeu; é esta a convicção dos capitalistas estrangeiros e dos conservadores hispanhoes.

GAZETILHA

Mez de Maria na Senhora A Branca.—Foi hontem a abertura da edificante devoção do mez de Maria, dedicado ao Immaculado Coração de Maria, na linda capella de Nossa Senhora A Branca. Depois do exercicio feito pelo rev.^o padre José da Costa, e presidido pelo muito digno capellão Ambrosio Fernandes d'Araujo, subiu ao pulpito o rev.^o Manoel Marnóco e Sousa, o qual, em breve conferencia, mostrou a utilidade e necessidade do culto do Coração de Maria durante o mez de maio, como consagração do verdadeiro amor e como o mais efficaç remedio para salvar a sociedade.

Foi brilhante esta festa pela concurrencia dos fieis e gosto com que estava decorado o altar da Virgem.

Promette ser um mez de graças e benção.

A hora do exercicio e ás 5 da manhã.

Festividade.—Festeja-se amanhã na igreja do convento do Collegio, a imagem de N. Senhora da Torre.

Livro de S. Cypriano.—E' o titulo de um folheto de cem paginas, de papel e typo ordinarios, que está á venda pelo fabuloso preço de 200 reis! Se ao menos fosse um opusculo bom, ou simplesmente soffrivel...

Mas damo-nos pressa de denunciar ao publico, e principalmente ao vulgo simples, ignaro, e sempre credulo, esse papelejo boçal, immundo e ridiculo, a até impio, que, sob o nome venerando de um santo, e de um padre da Igreja, ensina ou pretende ensinar ao povo as mais absurdas abusões, crendices, e vãs observancias. Faltava ainda á imprensa portuense vomitar mais esta escoria! Chama-se a is-

to especular com a bolsa alheia dos sim-plores. Desde o titulo até á ultima pagina o pampheto é uma enfiada interminavel de sandices. Se não leia-se o frontispicio: «Livro de S. Cypriano», tirado de um manuscripto feito pelo mesmo santo, que ensina a desencantar todos os encantos encantos, feitos pelos mouros n'este reino de Portugal.»

Então por quem é feito? Facto virgem; tem dous pes! Ora agora leia-se a ultima pagina. O auctor da emioente publicação tem os erros que na mesma publicação haver «de tão pouca monta» que nem se dá ao trabalho de os mandar para o purgatorio das erratas, mas assim mesmo «jura pela sua salvação que não foram voluntarios.» *Ex duobus dñsce omnes.*

Alguna coisa sabemos de Patrologia, e possuimos as obras completas de S. Cypriano assim as que se tem provado serem d'elle como outras que com maior ou menor fundamento se lhe attribuem e em nenhuma d'ellas encontramos similhantes benzeduras, nem era possível. O seu verdadeiro auctor não deixou de ser astuto, declarando que eram extrahidas de um manuscripto inedito. Forte carapetão, e fartissima audacia!

Em todo o caso estão consignados ambos; o publico fica avisado, e a nossa consciencia tranquilla, por lhe promovermos a economia d'alguns cobres, que pôde dar de esmola, em logar de os atirar a um entulho.—(«Palavra»)

O mensageiro do Coração de Jesus.—Boletim mensal do Apostolado da Oração.—Distribuiu-se o caderno correspondente ao mez de maio, d'esta publicação importante, dirigida pelo illustrado padre José Rodrigues Cosgaya, doutor em Theologia.

Agradecemos o exemplar com que fomos brindados.

Theatro.—A companhia dramatica do theatro da Trindade deu-nos ante-hontem a primeira recua com a opera comica, em 3 actos, *O diabrete*.

Tanto o libreto, original do bem conhecido litterato Manoel Maria Rodrigues, como a musica, de que é auctor o distincto maestro Alves Rente, são de incontestavel merecimento; por isso não podia deixar de ser applaudida a escolha do espectaculo.

O desempenho foi geralmente bom, e quasi todos os actores foram calorosamente victoriados.

O sr. Alves Rente teve no fim uma chamada especial, sendo então mui palmeado.

Não podemos deixar de censurar o procedimento dos (poucos) individuos, que, por accinte e unicamente por accinte, entenderam dever dar pateada a orto e a direito, havendo entre elles alguns que sabem tanto de theatro como nós sabemos do que n'este momento se passa no polo arctico.

Pateadas d'este jaez só logram acarretar sobre quem as dá, um ridiculo enorme.

Arrematação.—Vae no logar competente um annuncio para a arrematação das obras para a feitura do 1.^o lanço da estrada do Bom Jesus do Monte a Nossa Senhora do Sameiro.

Para elle chamamos a attenção das pessoas a quem possa interessar.

Portuguezes fallecidos.—Falleceram ao Rio de Janeiro, nos dias 4 e 5 d'abril, os seguintes:

Bento José Peixoto, 46 annos, casado; Manoel José, 28 a., c.; Domingos Antonio Pereira, 57 a., c.; Manoel Alves d'Alvevedo, 23 a., s.; Gregoria Pinto, 24 a., s.; Antonio Ferreira de Mello, 34 a., s.; João Dantas Ferreira, 22 a., s.; José d'Oliveira, 26 a., s.; Gentil da Saude, 30 a., s.; Maria da Piedade, 19 a., s.; José Ignacio, 30 a., s.; Elisa Delfina Gomes de Oliveira, 46 a., viuva.

Tunel em projecto.—Américo de Castro e o engenheiro Clemente Tisseraud tiveram privilegio por 33 annos, que lhes concedeu o governo brasileiro, para construção e serviço de transito de um tunel no morro do Livramento e receberam auctorisação para estabelecerem uma linha de carris.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Relação das esmolas que foram offerecidas ao Bom Jesus do Monte, da freguezia de Santa Martha de Pinhe, no concelho de Botica, no anno de 1874.

Casimiro Martins, do logar de Solveira, 1\$500 rs.

Isabel Ferreira, de Fiães do Tamega, 100 reis.

Antonio de Moura, de Calvão, 600 reis.
João Lage, de Arcos, 80 reis.

José Rodrigues, da villa de Boticas, 240 reis.

O ill.^{mo} snr. Anselmo José Martins, idem, 640 reis.

Muitas outras esmolas foram offerecidas e depositadas em varios nichos do sanctuario do Bom Jesus do Monte, todavia ignora-se quem foram os offerentes, tão sómente aqui relacionamos aquellas que foram depositadas na meza da sacristia. Não podemos deixar de agradecer a varios padres que assistiram ás festas que alli se fizeram e não acceitaram a remuneração devida ao seu trabalho, por conhecerem os poucos fundos de que dispõe tal sanctuario. Se não temessemos offender sua modestia, estampariamos aqui seus nomes.

Agora resta-nos, como mesario de tal sanctuario, fazer novo appello ao povo; chamar os bons christãos a que venham este anno depositar suas offerendas ao Bom Jesus do Monte de Santa Martha de Pinho por occasião das duas festas que alli se costumam fazer, — no dia da Assenção de Nosso Senhor, e no dia 25 do mez de julho.

As muitas obras que alli se precisam, e os poucos fundos de que o sanctuario dispõe, nos obrigam a fazer este novo appello. O Bom Jesus do Monte não deixará de socorrer em suas tribulações a todos os fiéis que a Elle recorrerem com viva fé, nem estes devem deixar de contribuir com suas esmolas para a conclusão de suas obras.

Grande era na verdade a fé de nossos maiores, que no principio d'este seculo, deram começo a tão grandiosas obras, e bem pena será a nossa se as deixarmos inconclusas. O nosso bom Deus costuma pagar cento por um, nunca ninguém pagou tão bom juro, nem com tanta promptidão; por tanto porque é que nós não corremos a depositar nossas esmolas no cofre de tal sanctuario?

Santa Martha de Pinho 24 d'abril de 1875.

P.^o Candido Lourenço Pereira de Carvalho

COMMERCIO

BOLSA DE BRAGA

28 de abril de 1875

Effectuado

Banco do Douro 87\$950.
Banco Mercantil de Braga 3\$000.
Obrigações do caminho de ferro do Minho e Douro (3.^a emissão) 11\$900.

BOLSIM

Banco do Minho 121\$500.
Dito dito 121\$400.
Banco Mercantil de Braga, 3\$000.
Banco de Villa Real 44\$600.
Banco de Bragança 2\$900.
Dito dito 2\$950.
Companhia Commercial e Industrial Portuense 10\$000.
Obrigações do caminho de ferro do Minho e Douro (3.^a emissão) 11\$900.

29 de abril de 1875

Effectuado

Banco do Alemtejo 10\$400.

BOLSIM

Banco de Villa Real 44\$800.
Banco Commercial de Braga 18\$000.
Banco Mercantil de Braga 2\$950.
Banco Portuguez (2.^a emissão) para liquidar em 30 de maio 21\$000.
Fundos hispanhoes a dinheiro 16.
Idem idem 16,12.

O director

Antonio Teixeira Barbosa.

AGRADECIMENTOS

José Rufino Moniz da Maia, capitão do regimento d'infanteria n.º 7, faltaria a um dever de gratidão, se ao partir d'esta cidade de Braga, deixasse de publicamente patentear o seu reconhecimento para com os seus bons amigos os exc.^{mos} snrs. drs.

Valle e Marques Coelho, pela grande amizade zello e pericia, com que tem tratado meu extremoso pae o exc.^{mo} coronel de infantaria 8 durante a perigosa doença de que foi acommittido e de que graças ao Divino e aos mesmos senhores, se acha já convalescente.

Agradece tambem cordealmente aos seus camaradas e habitantes d'esta cidade, que com todo o interesse se tem dignado procurar saber do seu estado, e a todos offerece os seus serviços em Lisboa, já que pessoalmente o não pôde fazer. (2402)

Manoel Ferreira Borges, aproveita este meio de manifestar a sua viva gratidão para com todas as pessoas que lhe fizeram a honra de o visitar, ou que d'algum modo lhe deram testemunhos de amizade e benevolencia durante a sua recente enfermidade, pedindo desculpa áquelles a quem deixasse de procurar pessoalmente por motivo da precipitação de sua partida para o Porto, onde offerece a todos a sua boa vontade em quanto lhes poder prestar. Braga 28 d'abril de 1875.

(2404) Manoel Ferreira Borges

Manoel José da Rocha Velloso, Rosa Amelia da Rocha Velloso e Marianna da Rocha Velloso, não podendo agradecer pessoalmente a todos os ill.^{mos} snrs. que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua sempre chorada mãe e avó, Rosa Maria Velloso, o fazem por este meio.

Da mesma forma agradecem a todos os ill.^{mos} e revd.^{mos} snrs. ecclesiasticos que se dignaram honral-os, assistindo ás exequias da mesma finada, na igreja da freguezia de S. Pedro de Merelim. (2399)

D. Maria José Moreira e Silva, Miguel Gomes da Cunha Braga, D. Isabel Rita Pereira Gomes, José Antonio Pereira, D. Luiza Maria da Conceição Pereira e José Maria Gomes Bello, não podendo, como desejavam, agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram assistir no dia 19 do corrente, á missa que por alma de seu sempre chorado marido, genro, irmão e cunhado Antonio Joaquim Pereira da Silva, mandou celebrar na capella da Ordem Terceira a Direcção da Assembleia Bracarense, a todos protestam sua eterna gratidão e profundo reconhecimento.

Em especial o fazem para com os ex.^{mos} snrs. Visconde de Pindella, presidente da Assembleia, e mais directores e socios, que não se esqueceram depois de morto, de quem durante a vida havia sido seu consocio e collega na Direcção. (2386)

Antonio José Pereira, não lhe sendo possível, pelos seus numerosos affazeres, agradecer pessoalmente a todos os ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs. que se dignaram honral-o assistindo aos responsos de sepultura que tiveram logar na Igreja dos Congregados por alma de seu muito presado amigo o ill.^{mo} Antonio José d'Arantes, vem por este meio protestar a todos o seu profundo agradecimento e indelevel reconhecimento de gratidão.

ANNUNCIOS

BANCO DE BRAGANÇA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs. accionistas d'este Banco a satisfazer, desde 1 a 5 de maio proximo, a primeira prestação de 25 por cento sobre o nominal das acções com que subscreveram:

Em Bragança, casa do director, Manoel José Dias Mendes Pereira, onde provisoriamente se acha estabelecido o escriptorio do banco;

No Porto, casa dos agentes, Brito de Barros & C.^a, rua de Santo Antonio, 173;
Em Braga, casa dos agentes, Ferreira Borges & C.^a, largo do Barão de S. Martinho, 26-C.

No acto do pagamento levar-se-ha em conta a importancia da ratificação, nos termos do artigo 2.^o, § 1.^o, dos estatutos. Bragança, 20 de abril de 1875.

Os directores,

Manoel José Dias Mendes Pereira
Henrique José Ferreira Lima
(2405) Joaquim Guilherme Cardoso de Sá.

ALVIÇARAS

Desencaminhou-se ha dias uma egua pedres. Quem a encontrasse ou souber do seu paradeiro e queira dar noticia d'ella, pôde dirigir-se á rua de S. Domingos n.º 60—em Braga, que dar-se-lhe-hão alviçaras. (2398)

ARREMATACÃO

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Esmeriz, no dia 16 do proximo mez de maio pelas 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, que é sito no largo de Santo Agostinho, d'esta mesma, sitio aonde se costumam fazer todas as arrematações se tem de arrematar a propriedade seguinte:

Uma morada de casas torre designada pelo n.º 9, sita na rua Verde, d'esta cidade, com suas pertenças, foreira ao red.^o cabbido da Sé Primaz, com o foro de 170 reis e uma e meia gallinha, avaliada na quantia de 150\$600 reis, pertencente ao casal do finado José Antonio da Fonseca, morador que foi n'esta cidade e é arrematada por accordo dos interessados, conselho de familia, dr. Curador Geral dos orfãos, como se vê no inventario d'aquelle finado. E por isso toda a pessoa que quiser lançar pôde comparecer no dito dia hora e local (2397)

AGENCIA

DO BANCO DO ALEMTEJO

Praça do Barão de S. Martinho n.º 26 C.

(2406)



Joaquim Alves Vinagreiro, faz publico que fica dissolvida a sociedade que tinha com José Martins Fontão Lage, na carreira d'esta cidade para a Povoia de Lanho, ficando elle annunciante com a mesma carreira a sair d'esta cidade para a Povoia, ás 6 horas da manhã e 3 da tarde, e da Povoia para esta cidade ás 6 da manhã e 4 da tarde, e chega ás 8 da manhã e 5 da tarde e á Povoia ás mesmas horas. Preços os já annunciados. (2400)

Antonio Anacleto d'Arújo, da rua de Jano n.º 1, d'esta cidade, sabe quem tem um titulo d'acções pertencente aos bancos de Villa Real ou Regua, com uma prestação paga a maior do que aquella de que se fez menção no acto da venda. A pessoa pois a quem pertencer, pôde dirigir-se ao supra dito senhor, que dando os signaes certos será indemnizado. (2401)

Banco Commercial, Agrícola e Industrial de Villa Real

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs. accionistas d'este Banco a fazerem a entrada da 3.^a e ultima prestação de suas acções, na razão de 20 por cento ou 10\$000 reis por acção, desde o dia 8 até o dia 16 de maio proximo futuro.

Em Villa Real, na casa do Banco.
No Porto, na casa do snr. José Julio da Costa.

Em Braga, em casa do snr. João Manoel da Silva Guimarães.

Villa Real 26 d'abril de 1875.

Os gerentes,

Joaquim José da Silva Guimarães
João Pinto Ferreira
Agostinho José da Costa. (2403)

Achau-se á venda na Livraria Catholica

10, rua Souto, 10

BRAGA

Um tratado de homeopathia pelo Dr. Sabino (Pernambuco). Uma botica homeopathica com 36 medicamentos.

Um Diccionario de Fr. Domingos Vieira, com 15 p. c. de abatimento.

Suspiros e Saudades, por Magalhães (Rio de Janeiro), (2387)

EDITAL

A Comissão Especial encarregada da construção da estrada de Nossa Senhora do Sameiro.

Faz saber que no dia 15 de maio de 1875 pelas 10 horas da manhã á porta dos Paços do Concelho, e perante a mesma Comissão, terá logar a arrematação por licitação verbal das obras para a feitura do 1.^o lanço da estrada do Bom Jesus do Monte a N. S. do Sameiro, comprehendido entre os perfis 1 e 45 na extensão de 583.^m41 — sendo a base de licitação a quantia de 1.720\$000 reis.

Condições para a arrematação

1.^a Para ser admittido a licitar é necessario que cada um dos concorrentes mostre que está no caso de poder executar por sua conta as obras, e que dê as precisas garantias da sua boa execução, para o que serão unicamente admittidos como licitantes os individuos que apresentarem documentos pelos quaes se obriguem a um deposito em metal de 5 por cento da quantia por que lhe for adjudicada a empreitada, ou a apresentar um fiador edoneo que o abone e tambem mostrem que estão no caso de dirigir por si mesmos as obras.

2.^a Obrigar-se a confiar a execução das obras a pessoas que estejam n'essas circunstancias, quando não apresente certificado que abone a sua capacidade para o fim acima indicado.

3.^a A fazer um deposito provisório na importancia de 27\$000 reis.

4.^a A habilitação para licitar terá logar dentro de meia hora, contada da hora indicada para a abertura da praça e esta estará aberta por espaço de uma hora, que começará a correr quando terminar o praso para a habilitação.

5.^a Só se admittem lanços de 4\$000 reis ou de seus multiplos.

6.^a O praso para a feitura das obras será de tres mezes, contados desde o dia que o empreiteiro for intimado para dar principio aos trabalhos.

7.^a A dar cumprimento ao projecto approvedo pela Comissão Especial e ás Clausulas e condições geraes para as empreitadas d'Obras Publicas de 8 de Março de 1861, que tudo estará patente para ser examinado na casa do ill.^{mo} snr. Antonio José Vieira Machado, á Praça Municipal, todos os dias não santificados. Braga 26 d'abril de 1875.

Pelo Presidente da Comissão

João Evangelista de S. Torres e Almeida.

TABACOS XABREGAS

Comissão aos snrs. estaqueiros

Fumos 15 por cento, Rapé 30.

Vende-se na Tabacaria Bracarense, rua do Souto n.º 27, Esquina da rua do Jano. (34)

VENDA DE CAVALLOS

Quem pertender comprar uma bonita parelha de cavallos castanhos de 57 a 58 pollegadas e bem amestrados no serviço de trem, pôde procurar em Guimarães, na rua de S. Torquato, Gaspar Loureiro Paúl, que está encarregado de vendel-a.

TABACARIA UNIVERSAL

Campo de Sant'Anna n.º 39, proximo ao Cruzeiro—Braga

Abriu-se este estabelecimento nas melhores condições de bem poder competir com os d'esta ordem, recebendo tabacos das melhores fabricas do paiz e do estrangeiro, podendo servir-se os snrs. consumidores, por junto e a retalho, o melhor possível com toda a boa fé e seriedade. (2394)



José Antonio Duarte Pregueiro, da Porta Nova, leva ao conhecimento do publico que tem dous calesches e duas victorias e um phaeton e bom gado para os mesmos, os quaes aluga por preços commodos, para qualquer ponto. (2376)

**BANCO AGRICOLA
E
INDUSTRIAL DA ESTREMADURA**

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital 1.500:000\$000 reis—Acções 30:000 de 50\$000 reis.

São convidados os snrs. subscriptores da primeira série d'este banco, a entrarem com quinze por cento ou sete mil e quinhentos reis por acção nos dias 3 a 8 de maio proximo, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde; que juntos aos cinco por cento de ratificação prefaz vinte por cento do valor nominal de cada acção, de que lhe serão entregues titulos provisorios em troco dos recibos passados no acto da ratificação.

No Porto, na casa do banco, Praça de Carlos Alberto, 92.
Lisboa, em casa do snr. David Gonçalves Chaves, rua dos Bacalhoeiros, 51.
Braga, em casa do snr. João Baptista Lopes.

Porto 20 de abril de 1875.

Os directores,

Felix Placido de Sande,
Eduardo Ribeiro Mendes,
Eduardo Lyon.

**BANCO AGRICOLA
E
INDUSTRIAL DA ESTREMADURA**

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL 1.500:000\$000 REIS—ACÇÕES 30.000 DE 50\$000 REIS

A direcção d'este banco precisa de correspondentes em todas as localidades vinhateiras do paiz, para a compra e fabrico de aguardente de vinho; quem se achar no caso e lhe convenha fará a sua proposta por escripto á direcção.

Porto 20 de abril de 1875.

Os directores,

Felix Placido de Sande,
Eduardo Ribeiro Mendes,
Eduardo Lyon.

**BANCO AGRICOLA
E
INDUSTRIAL DA ESTREMADURA**

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital 1.500:000\$000 reis—Acções 30:000 de 50\$000 reis.

Este banco dá principio ás suas operações no dia 3 de maio proximo futuro. Fará operações, commerciaes, agricolas e industriaes proprias de estabelecimentos d'esta ordem e entre ellas as seguintes:

Compra e venda de terrenos, predios em bom ou mau estado em qualquer parte que lhe convenha, construirá casas de conta propria para vender a prazos por meio de mensalidades ou annuidades, e tambem edificará de conta alheia qualquer predio ou edificio para fabrica, ou outro qualquer estabelecimento dentro ou fóra da cidade.

Auxiliará por todos os meios ao seu alcance tanto os pequenos como os grandes industriaes e agricultores, encarrega-se da compra de machismo no estrangeiro e montagem de qualquer estabelecimento industrial em pequena ou grande escala.

Auxiliará qualquer individuo que por falta de meios não possa pôr em pratica qualquer descoberta ou negocio vantajoso.

Auxiliará a fundação de qualquer empresa de reconhecida vantagem.

Garantirá a fiança que qualquer individuo tenha de prestar para a sua collocação em algum logar de responsabilidade, mediante uma percentagem convencionada.

Recebe dinheiro em deposito á ordem e a prazo fixo aboando juros.

Guardará titulos e objectos de valor mediante uma commissão convencionada.

Receberá generos á consignação para vender por conta de terceiros; fará adiantamentos por conta dos mesmos mediante juro razoavel.

Comprará e venderá aguardente unicamente de vinho a dinheiro e a prazo.

Emprestará dinheiro sobre generos armazenados na alfandega ou em alguma estação do caminho de ferro.

Emprestará dinheiro sobre navios já construidos ou em construcção, ouro ou prata e pedras preciosas.

Descontará letras de cambio e da terra, bem como quaesquer papeis endossaveis com vencimento certo.

Descontará recibos de todas as classes de empregados publicos.

Fará empréstimos ao governo ou camaras municipaes.

Abreirá contas correntes, com caução de letras, acções de bancos, companhias e titulos da divida publica ou outro qualquer penhor mercantil.

Adiantará aos lavradores dinheiro por conta de aguardente a entregar em epochas differentes mediante contrato especial, com ou sem preço feito, sujeito ao do corrente nos mercados do Porto ou Lisboa no acto da entrega do genero.

Adiantará dinheiro sobre qualquer genero não susceptivel de deterioração que esteja debeixo da sua guarda.

Gratificará convenientemente qualquer individuo que faça á direcção qualquer revelação de vantagem para o banco, dando-lhe parte no lucro que possa haver quando n'isso se concorde, ou uma gratificação por uma só vez.

Tem uma caixa economica na qual recebe toda a quantia superior a 1\$000 rs. ficando á ordem do depositante.

Fará transferencias de fundos para todas as terras do reino e para o estrangeiro onde houver agencias d'este banco.

Porto 20 de abril de 1875.

Os directores,

Felix Placido de Sande
Eduardo Ribeiro Mendes
Eduardo Lyon. (2385)

(2390) **FABRICA DE FUNDIÇÕES
DE
CORNEAU FRERES**

EM

CHARLEVILLE. (FRANÇA)

A' Loja Cachapuz—acaba de chegar, directamente, d'aquella fabrica, um variado sortimento d'objectos de ferro fundido, os quaes, pela sua perfeição de obra e modicidade de preço, se tornam preferiveis aos de outra qualquer. Abaixo vze um catalogo da maior parte dos que agora chegaram e se acham patentes na dita loja.

- Cruzes de lindos feitios para sepulturas.
- Coroas idem idem.
- Imagens do Crucifixo, diversos tamanhos.
- Bombas d'aspiração continua, novos systema.
- Cosinhas de feitios diversos.
- Capachos para escadas ou corredores.
- Cercaduras para jardins.

- Escarradores para salas.
- Descanços para guarda-chuvas.
- Caixas para phosphoros.
- Vasos para suspender flores.
- Piramides para escadas ou varandas.
- Raspadores de calçado.
- Cassarolas de varios feitios, etc.

Banco Agricola, Commercial e Industrial

DE **PONTE DO LIMA**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Séde em Ponte do Lima

São convidados os snrs. subscriptores d'este Banco a fazerem a ratificação das acções com que assignaram na terça e quarta feira, dias 4. e 5 do proximo mez de maio, dando réis 1\$300 por acção, que com os 1\$000 réis já depositados no acto d'assignatura, prefazem a de 2\$300 por acção, e constituem os 5 p. c. exigidos pela lei para a constituição do Banco.

Ratifica-se em casa de João da Cunha Nogueira e Manoel Gomes Cardoso, em Ponte do Lima: José Julio da Costa e Pedro Ferreira de Macedo Basto, do Porto: e Banco Mercantil de Braga e Almeida & Pereira, em Braga.
Ponte do Lima, 16 de abril de 1875.

OS INSTALADORES

- Antonio Pereira da Silva de Sousa de Menezes
- Antonio José da Silva Machado
- Antonio de Magalhães Barros de Araujo Queiroz
- Antonio Manoel Gonçalves
- João de Abreu Maya
- João de Barros Mimoso
- João Bernardo Gomes da Cunha
- João da Cunha Nogueira
- João Pereira d'Araujo Coelho
- João Roberto de Araujo Queiroz
- Joaquim Gerardo Alvares Vieira Lisboa
- Joaquim Perestrello Marinho Pereira de Araujo
- José Maria Torres Machado
- Manoel Joaquim Rodrigues dos Santos
- Narciso Alves da Cunha
- Thomaz Mendes Norton. (2375)

APROVEITAR

Na rua de S. Vicente n.º 22 A, se diz onde ha dois homens habilitados para leccionar francez e instrucção primaria e primeiras letras a preços reduzidos, podendo os alumnos aproveitar mais em seis mezes, do que em outra parte um anno.

Tambem se recebem alumnos internos com todas as comodidades precisas e bons tratamentos.

CASA N.º 80

Rua de S. Vicente—Braga

N'esta casa recebem-se hospedes a preços reduzidos e com muito bom tratamento. (2382)

ATENÇÃO

Precisa-se saber da familia de Manoel José de Mattos Braga, que foi degradado para Angola. (2388)

INJECCAO HYGIENICA

Balsamico Prophylatico

Esta injeccão é a unica e efficaz que cura em seis ou oito dias toda a qualidade de purgações, tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes.

Vende-se em Braga na pharmacia de Antonio D. Alvim, á Porta Nova n.º 14, em Coimbra, pharmacia Barata Diniz, rua de S. Bartholomeu. Deposito principal no Porto na pharmacia Madureira, rua do Triumpho, n.º 142, proximo ao Palacio de Crystal.

Preço de cada frasco. . . 400 rs. (0.)

BORRACHAS DE ENXOFRAR

Manoel Lourenço d'Araujo Braga

Rua do Campo n.º 22.

Acaba de receber uma porção d'este genero, de boa qualidade, que vende por preços muito baratos, assim como enxofre de superior qualidade. (2360)

PAVÕES

Quem quizer comprar um casal de pavões, dirija-se ao revd.º abbade de S. João das Caldas de Visella. (2395)

TERRENOS

Compram-se para edificar, nos extremos da cidade. Propostas á rua de S. Marcos n.º 5. (2354)

ATENÇÃO

José Luiz Ferreira, hoje morador na ruas das Aguas n.º 9, leva ao conhecimento do publico que toma conta em sua casa de toda e qualquer encomenda para a Barca ou Arcos, assim como nos Arcos na sua estação á entrada da Ponte, para Braga e Porto, pelas quaes se responsabilisa. Assim como tambem em sua casa freta trens grandes ou pequenos, cobertos ou descobertos para o Bom Jesus, ou outra qualquer porte do reino por preços muito rezumidos.

Braga 31 de março de 1874.

(2334) José Luiz Ferreira.

METAES VELHOS

Na travessa de S. João n.º 5, compra-se toda a qualidade de metaes, e ferro velho até mesmo fundido. (860)

ALMEIDA & PEREIRA

Largo do Barão de S. Martinho n.º 18

Compram e vendem acções de todos os bancos e companhias, e inscripções d'assentamento e coupons. (1)